

GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional

OLHAR O MUNDO RURAL

Nº.19 junho/18



MAR
GRATER
já gere
GAL Pesca

PÁGINA 6



AGUALVA
Lembrar
o património
da água

PÁGINA 4

auditório do museu
de angra do heroísmo.

EXPOSIÇÃO

CRAFT & ART

14 JUN // 1 JUL.

10H00
17H30

20
Governo dos Açores
Museu de Angra do Heroísmo
MIAMI
MAC
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
UNIVERSITY
EU



PRORURAL+





RODRIGO RODRIGUES
Tesoureiro do Conselho de
Administração da GRATER

editorial

Olhar o mundo rural, é também uma forma de mantermos viva a nossa açorianidade, qualquer que seja a área de atividade em que estamos envolvidos. No meu caso, agora como presidente da Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo, é com enorme prazer que pertenço ao conselho de administração da GRATER, e me envolvo diretamente neste nobre projeto, cujo objetivo principal é trazer mais investimento para a Terceira e Graciosa, no âmbito do programa PRORURAL+.

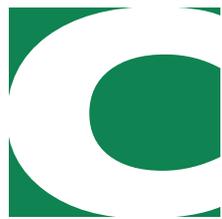
As oportunidades são muitas, quer no mar, quer em terra, quer para entidades públicas, como privadas assim haja projetos inovadores e com viabilidade económica.

Numa altura em que este quadro comunitário está a aproximar-se do seu final, está na hora de acelerarmos a execução dos muitos projetos aprovados, por forma a termos também nos próximos anos, capacidade de negociar mais apoios neste âmbito, para as ilhas em questão.

O impacto gerado por pequenos investimentos, por parte das autarquias, juntas de freguesia e PME's, é muito importante pelos postos de trabalho que criam e pela riqueza que geram à sua volta, mesmo falando de projetos de pequena dimensão.

Nos últimos anos, passamos todos por grandes dificuldades económico-financeiras originadas pela crise que afetou Portugal e a Europa. O mundo rural não fugiu à regra, tendo mesmo sido aí que mais se notou essa mesma crise, mas mais uma vez, os açorianos mostraram a sua resiliência e vontade de superar grandes dificuldades. Estamos agora preparados para enfrentar os próximos anos com otimismo, mas com o saber já adquirido que apenas os projetos de vida equilibrados, racionais e bem preparados, podem vencer neste mundo cada vez mais global, mas onde o mundo rural fica por vezes tão esquecido.

Desejo a todos saúde, para que juntos possamos criar condições para enfrentar as muitas adversidades que ainda estão por vir. Bons negócios.



Curiosidades... ...do mundo rural

Alfenim: uma influência do Algarve

Não há certezas históricas, mas há grandes desconfiças: o alfenim pode ser uma influência vinda do Algarve. Os livros não o dizem claramente, mas há indícios que fazem com que os investigadores acreditem que o doce branco que, por altura do Espírito Santo, povoa os impérios do da ilha Terceira, tenha vindo do sul do país. Uma dessas investigadoras é Manuela Sousa, que escreveu um livro sobre o assunto.

“A recolha que efetuei, de cariz bibliográfico, mas também com base nos contactos junto de investigadores, permitiu-me concluir que é escasso o conhecimento científico produzido sobre o alfenim. É, no entanto, possível identificar informação histórica que confirma a origem do alfenim, associado ao aparecimento do açúcar e às utilizações que lhe foram sendo dadas e à importante presença e influências árabes, patentes, aliás, na própria raiz etimológica da palavra “alfenim”. O alfenim remontará, então, ao período posterior à presença árabe na Península Ibérica, e à progressiva integração, na sociedade portuguesa, deste doce que se tornou muito popular no Sul de Portugal Continental, nomeadamente na região do Algarve, onde influenciou significativamente a confeção da doçaria. A presença portuguesa nas terras descobertas, após 1415, justifica as referências encontradas ao alfenim na Madeira e também no Brasil. Na ilha Terceira, faz sentido que o alfenim possa ter sido introduzido antes do final do século XV, cerca de 1465, pelas famílias provenientes do Algarve que se fixaram na zona oeste da ilha Terceira”.

O facto, é que o doce resistiu desde esses tempos. Até hoje. Não há Espírito Santo sem alfenim e, por isso, também não há promessas sem a alvura desse açúcar trabalhado com insistência. Há-o de todas as formas: meninos, meninas, corações, pés, mãos, pombinhas que representam a crença na terceira pessoa da Santíssima Trindade. E embora se trate de uma tradição terceirense, a verdade é que o alfenim começa, agora, a ganhar força também noutras ilhas.

Nada indica, portanto, que este doce específico e característico da ilha Terceira esteja em risco. Embora as artesãs do alfenim não existam em grande número, a tradição parece assegurada, aqui e noutros lugares. Quanto mais não seja à força da fé.



Gilberto Vieira, da Quinta do Martelo

Mundo rural precisa do associativismo

Desde sempre associado da GRATER, Gilberto Vieira, proprietário da Quinta do Martelo, sublinha a importância do associativismo no desenvolvimento das zonas rurais.



A Quinta do Martelo está num lugar difícil de alcançar por quem chega agora ao turismo rural. O projeto, que começou a delinear-se há mais de 30 anos, num espaço da família de Gilberto Vieira, foi o primeiro a ser fundado nos Açores e mantém-se como um dos mais carismáticos do arquipélago: ali pode ficar a saber-se um pouco mais sobre o Espírito Santo, sobre a gastronomia, sobre as artes e os ofícios tradicionais e sobre a história da habitação desde os primórdios... A Quinta do Martelo é um reduto de açorianidade que nasceu da certeza de que a Terceira tinha muito mais para oferecer aos turistas do que aquilo que, há anos, se pensava.

Gilberto Vieira, proprietário da Quinta do Martelo e presidente das Casas Açorianas, Associação de Turismo em Espaço Rural, é há muito associado da GRATER – de que foi fundador, aliás. Cresceu com a Associação de Desenvolvimento Regional e viu-a crescer, também, porque é dessas relações de proximidade, acredita, que se fazem as coisas importantes. Na verdade, conta, muitos dos projetos que foi desenvolvendo ao longo da vida partiram do pressuposto de que “a união faz a força”, adágio em que acredita e sob o qual se rege.

“De facto, ao longo da minha vida, fui-me habituando a colaborar em projetos de interesse comunitário, associando o meu contributo ao de muitas outras pessoas, sempre com o intuito de prestar um serviço à comunidade que, de outra forma, dificilmente seria concretizado. O trabalho, repartido por todos, aligeira as dificuldades e vence obstáculos que podiam parecer difíceis de ultrapassar. Foi assim com comissões da Igreja, comissões do Divino Espírito Santo, comissões da festa da freguesia, momentos de serviço à comunidade e, simultaneamente, de aprendizagem da importância do associativismo em muitos aspetos da nossa vida cole-



tiva”, considerou. É nessa linha, também, que entende o trabalho da GRATER. “É outro exemplo de associativismo que abracei, por reconhecer a sua importância crucial na identificação de problemas e de potencial no nosso meio rural - no caso, nas ilhas Graciosa e Terceira, isto numa altura em que poucos acreditavam na eficácia de associações deste género e foi preciso juntar vontades para potenciar um verdadeiro interesse por esta causa, com os bons resultados que foi paulatinamente demonstrando. Presto aqui a minha homenagem às sucessivas direções e ao profissionalismo e empenho dos colaboradores que desenvolveram e desenvolvem um excelente trabalho em prol do desenvolvimento do mundo rural na sua área de intervenção”, frisou.



Dos primeiros anos da associação, recorda o entusiasmo trazido pela novidade, pela forma de unir a sociedade em torno de projetos individuais, mas com um contributo decisivo para o desenvolvimento rural. Os desígnios mantêm-se intactos.

“Baseado em regras da então CEE, a GRATER-Associação de Desenvolvimento Regional foi das primeiras instituições a surgir nos Açores neste novo modelo orientado para um cariz mobilizador da sociedade civil, para ela própria ditar as suas necessidades e anseios. As regras e os princípios delineados eram efetivamente os mais lógicos, sendo cativantes, para não dizer apaixonantes, pois vinham efetivamente ao encontro de qualquer idealista/sonhador. Ora relembre-se o funcionamento em que cujas regras

eram primeiramente descritas e impostas, em que provocava a mobilização e envolvimento de toda a sociedade que é que dizia o que pretendia/necessita/ambicionava para a sua região, havendo a existência de um gabinete que não só controlaria a gestão devidamente justa além de ter o papel de acompanhamento total dos projetos desde o seu início ou mesmo até que propôs-os à sociedade, no seu conjunto ou individualmente, e, posteriormente, integrá-los. Recordo que uma das obrigadoriedades impostas aquando da fundação deste tipo de associações era ter um Gabinete de Ação Local para assistir os pequenos promotores e projetos.

Apesar da importância do caminho trilhado, Gilberto Vieira lamenta o desvio das instituições europeias para a burocracia em excesso. A opção, considera, pode afastar potenciais investidores, nomeadamente daqueles que estão por detrás dos pequenos projetos e que se veem a braços com as mesmas exigências dos projetos maiores. “É talvez tempo de centrar esforços para tentar inverter as prioridades que vão asfixiando o verdadeiro interesse de desenvolvimento do mundo rural”, alertou.

Junta de Freguesia da Aqualva Recuperar as memórias da água

margens da ribeira da Aqualva chegaram a laborar 48 moinhos. O curso de água tinha força para mover as rodas de todas as azenhas que foram aparecendo para trabalhar os cereais produzidos um pouco mais a este, desde o Cabo da Praia às Lajes. A ribeira não se distinguia apenas pela pureza das águas que ofereceram o nome à freguesia - Água Alva - mas também pela energia que conseguia gerar. E se acaso a força faltasse, punham os homens em prática as soluções de engenharia que permitiam continuar a moer trigo.

Há ainda muitas memórias desse tempo. Embora tenham parado de laborar há cerca de 60 anos, há moinhos que resistem, fechados e quietos, à voracidade do tempo. É o caso das azenhas da família Brum, na Rua do Saco, recuperadas agora pela Junta de Freguesia.

Hélio Rocha, presidente da autarquia local, sublinha a importância da preservação desse património. “O edifício está praticamente concluído, agora vamos trabalhar nas fotografias e nos vídeos para poder apetrechar o que vai ser um núcleo museológico visitável. A casa pertencia à família Brum e foi cedida à Junta de Freguesia, através de uma permuta. Havia interesse naquela infraestruturas desde 2009,



ano das enxurradas: depois das obras na ribeira, percebeu-se que era importante manter os moinhos intocados, para que fossem recuperados. Os moinhos, a água, estão na origem do nome e da própria freguesia, que foi crescendo ao longo da ribeira”, avançou.

O núcleo museológico dos moinhos da Aqualva vai mostrar, precisamente, a influência da água no desenvolvimento da freguesia – e como ali funcionava uma verdadeira indústria cerealífera. “Era uma autêntica atividade industrial que empregava muita gente, desde os produtores de cereais, aos moleiros, às pessoas que faziam o transporte e depois coziam o pão... Para não falar dos carpinteiros e dos pedreiros que trabalhavam as pedras. De facto, era uma coisa muito grande e até complexa: os moinhos eram alimentados com redes de água desviadas da ribeira, que depois também serviam para irrigar as hortas”, disse

o autarca.

A recuperação dos moinhos e a transformação da casa em museu decorre de um projeto apresentado à GRATER: um investimento de 72.181,90 euros, cujo apoio público foi de 63.104,61. A Junta de Freguesia quer agora ir mais longe e restaurar a roda da azenha, tendo, para isso, apresentado a ideia ao Orçamento Participativo. Agora, Hélio Rocha espera que os votos no projeto sejam suficientes para poder avançar.

“É a memória da Aqualva e até a cultura do Ramo Grande que estão em causa. Seria muito interessante, até do ponto de vista turístico, poder revitalizar a antiga rota do cereal e criar núcleos em cada uma das freguesias para que as pessoas pudessem acompanhar todo o processo”, disse o líder da autarquia local. A recuperação dos moinhos da Aqualva é um passo importante nesse desígnio.

Sociedade Altarense do Coração de Jesus

Uma sala para receber bem

À data do Carnaval já a Sociedade Altarense do Coração de Jesus abria as portas a um salão renovado: bancada nova, cadeiras substituídas, tudo pronto para assistir aos bailinhos e às danças carnavalescas. Talvez tenha sido a remodelação - o facto é que, este ano, a sala de espetáculos atraiu mais público do que é costume.

Quem o diz é Rodrigo Rocha, presidente da direção da Sociedade, que sustenta que este projeto, beneficiário dos apoios do PRORURAL+ geridos pela GRATER, era uma necessidade imediata.

“A nossa sala de espetáculos estava a precisar: as cadeiras eram muito antigas, eram as cadeiras velhas do Teatro Angrense, e era preciso dar mais algum conforto a quem nos visitava”, sustentou.

A Sociedade Altarense do Coração de Jesus fica, assim, mais bem preparada para acolher não só o Carnaval, não só os concertos da filarmónica, mas também o teatro do Pedra-Mó, grupo nascido e criado nos Altares há 40 anos. Os atores e as atrizes do noroeste da ilha, aliás, apresentaram ali, há um mês, o trabalho “O Gebo e a sombra”.

A sala de espetáculos da Sociedade Altarense



do Coração de Jesus – cuja renovação significou um investimento de 51.970,43€ e uma despesa pública de 41.252,89€ – declara-se, portanto, de portas abertas para a freguesia. Na verdade, esse é também o ADN da própria instituição.



Uma e outra coisa, salão e música, sala de espetáculos e banda, não podem dissociar-se. Uma é, também, o rosto da outra.

“Tem-se procurado manter a filarmónica ativa e que evolua o mais possível, para que a população possa reconhecer a importância que é ter uma banda filarmónica na sua freguesia e, desse modo, queira integrar-se nela ou na direção da sociedade. Além das atividades habituais, animação de procissões e cortejos do Divino Espírito Santo, participação em marchas Sanjoaninas e de pequenos concertos na freguesia, a filarmónica está envolvida num intercâmbio com a Banda Juvenil de Gavião, e nesta atividade temos contado com o apoio da população da freguesia”, disse, já, em entrevista.

Rui Drumonde, Cáritas da Ilha Terceira

As Nossas Quintas dão exemplo no empreendedorismo social

Há um ano que a Cáritas da Ilha Terceira põe em marcha um projeto de empreendedorismo social. Chama-se “As Nossas Quintas” e o exemplo de sucesso já é seguido por outras instituições, quer ao nível regional, quer ao nível nacional.

As Nossas Quintas é um projeto de empreendedorismo social desenvolvido pela Cáritas da Ilha Terceira. Como é que nasceu esta ideia?

Ao longo dos últimos anos, a Cáritas da Ilha Terceira vem manifestando a sua preocupação perante a taxa de desemprego que assola os jovens em situação de maior vulnerabilidade e, por isso, tomou como eixo prioritário o desenvolvimento de ações e projetos para a capacitação para a empregabilidade através do Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil, desta instituição – primeiro com o projeto “Terra Nostra – Capacitação com Raízes”, financiando pela Fundação EDP Solidária e com foco no desenvolvimento de competências teóricas e práticas na área da horticultura biológica com jovens entre os 18 e os 26 anos, permitindo a integração direta no mercado de trabalho de 6 beneficiários do projeto; depois, com o projeto “TRAD(E)-In Tradição e Inovação para a Empregabilidade”, financiado pelo mecanismo europeu dos EEA Grants (Liechtenstein, Noruega e Islândia) gerido pelo Programa Cidadania Ativa da Fundação Calouste Gulbenkian que, através das suas diversas componentes, permitiu capacitar 195 jovens para a empregabilidade. Logo após o final do projeto, integraram o mercado de trabalho 35 beneficiários do projeto.

Ainda durante este projeto, surgiu a necessidade de criar uma resposta após este financiamento e, com o apoio incondicional da direção da Cáritas da Ilha Terceira, recorremos ao Mercado Social de Emprego com a constituição da empresa social de inserção As Nossas Quintas, que numa primeira fase iria dar continuidade ao trabalho e às ideias já alavancadas nos projetos mencionados, e depois iria dar resposta a alguns jovens que mantinham dificuldades no aces-

so ao mercado de trabalho. Foi um processo difícil e demorado, mas que teve a sua inauguração a 10 de março de 2017.

Que benefícios estão associados a estes projetos de inserção social?

O cumprir da missão da Cáritas da Ilha Terceira: “Sempre mais próximo do próximo”. O dar oportunidade aos jovens para desenvolverem competências pessoais e sociais aliadas à componente prática. Demonstrar aos jovens que há oportunidades e possibilidades interessantes ao nível do trabalho nas áreas do setor primário e secundário. O abrir de horizontes e fazer acreditar aos jovens que colaboram connosco, mas também a outros, que com apoio, orientação, resiliência e muita persistência, é possível atingir determinados patamares. Os nossos atuais colaboradores, são o modelo e o exemplo para outros jovens que passaram por percursos difíceis de vida.

Quantas pessoas estão envolvidas n’As Nossas Quintas? Pensam, aliás, vir a alargar o projeto?

Atualmente estão quatro jovens com contrato de trabalho, dois em estágios profissionais e um num programa ocupacional. Acrescem dois técnicos superiores que fazem toda a componente de gestão, marketing e comercialização. Nesta fase, o objetivo é criar sustentabili-



dade da empresa para pagar todos os vencimentos e as despesas correntes e só depois pensar no alargamento da equipa que também estará dependente do volume de trabalho e de negócio da empresa social de inserção.

Há abordagens de outras instituições ao nível regional, mas também nacional, que pretendem replicar as estratégias e dinâmicas d’As Nossas Quintas, o que nos orgulha pelo exemplo pela positiva que estamos a dar com este empreendedorismo social.

Que tipo de serviços estão a ser disponibilizados, neste momento, pel’As Nossas Quintas?

Atualmente fazemos a produção hortofrutícola em modo biológico, embalagem de produtos hortofrutícolas em modo biológico para a BioAzórica e a comercialização dos nossos produtos através dessa cooperativa e dos seus diversos canais de escoamento, mas também com os nossos fiéis clientes que nos acompanham desde 2014 e de restaurantes em Angra do Heroísmo. Contamos com a componente de pastelaria e doçaria tradicional e compotas, onde organizamos eventos sociais, coffee breaks e servimos o bar do Estabelecimen-

to Prisional de Angra do Heroísmo. Estamos nesta fase a desenvolver alguns produtos com a nossa marca e dentro de pouco tempo teremos novidades. Podem comprar os nossos produtos na nossa loja online através de www.asnossasquintas.com

Por fim, continuamos a desenvolver ações em parceria com entidades públicas e privadas para a capacitação para a empregabilidade de jovens em situação de maior vulnerabilidade social nas áreas do setor primário e secundário.

O projeto “As nossas quintas” iniciou, recentemente, uma parceria com a cooperativa BioAzórica, que pressupõe o embaçamento de produtos agrícolas para colocação nas grandes superfícies comerciais. Qual é a importância, na sua opinião, deste tipo de colaboração?

É mais um desafio da Empresa Social de Inserção que permite apoiar a cooperativa BioAzórica e os produtores biológicos, mas também permite reforçar o papel e a importância dos nossos colaboradores e d’As Nossas Quintas. Agradecemos publicamente a parceria fulcral que temos ao longo dos últimos anos com a direção da Cooperativa BioAzórica. O propósito será sempre estarmos próximos da nossa comunidade, dos nossos parceiros, clientes e curiosos. Só assim fará sentido a expressão empreendedorismo social como uma forma de conseguirmos alcançar resultados sociais de relevo, junto com todos os que estiverem disponíveis e interessados em fazer esta caminhada. E já são muitos, o que nos cria ainda mais responsabilidade, mas também satisfação pelo reconhecimento e confiança.



GRATER já gere GAL Pesca

A GRATER - Associação de Desenvolvimento Regional assinou, no passado dia três de maio, o contrato para a gestão da Estratégia de Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) do Grupo de Ação Local GRATERMAR (GAL Pesca).

A assinatura do contrato representa o culminar de dois anos de trabalho, desde que primeiro se começou a desenhar na Região a forma de implementação das medidas de DLBC no setor.

No âmbito destas medidas, serão injetados, no total, quatro milhões de euros nas pescas dos Açores, através do Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas (FEAMP) e do orçamento da Região.

Gui Menezes, secretário regional do Mar, Ciência e Tecnologia que marcou presença na cerimónia, defendeu que estas verbas devem ser aplicadas “de forma sustentável e inteligente no estímulo ao empreendedorismo, na promoção do emprego de quali-



dade e na criação de respostas a problemas de exclusão social que persistem nalgumas das comunidades piscatórias”.

“Um dos grandes desafios dos próximos anos será o de promover a competitividade e sustentabilidade nas empresas do setor das pescas, apostando na inovação e na qualidade dos produtos e aproveitando melhor todas as possibilidades de pesca, entre um vasto leque possível de outras iniciativas que podem vir a ser apoiadas”, afirmou.

Neste sentido, o titular da pasta das Pescas frisou que o Governo Regional “conta com o empenho ativo das comunidades locais e de todos os agentes do setor”, acrescentando que os GAL Pesca, “através de parcerias locais, serão os responsáveis por implementar estratégias de desenvolvimento nas comunidades costeiras onde se inserem”.

“Estamos em crer que, de uma forma inclusiva, e considerando as realidades específicas de cada uma das nossas comunidades

costeiras, os GAL Pesca serão capazes de desenvolver novas estratégias que incutam a inovação no setor, mas que contribuam também para a preservação, a conservação e a valorização dos nossos recursos”, disse.

Para além da GRATERMAR, cujo território de intervenção abrange a Terceira e a Graciosa, foram ainda formalmente criados a Adeliçor Mar, para as ilhas do Corvo, Flores, Faial, Pico e São Jorge, e o Maraços Oriental, para as ilhas de São Miguel e Santa Maria.

Major Planeta regressa à Feira da Família

O Major Planeta, mascote da campanha “Desliga a luz, liga-te ao planeta”, voltou a marcar presença na Feira da Família promovida pela Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória. O evento, que decorreu no dia 20 de maio, pretende assinalar o Dia Internacional da Família com atividades que vão das passagens de modelos às experiências científicas, observação de aves, demonstração de dança e jogos para as famílias.

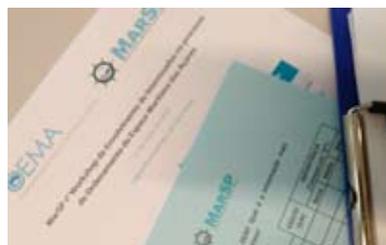


Associação vai ao primeiro workshop MarSP

Decorreu, no passado dia 17 de maio, o “MarSP: primeiro workshop de envolvimento de interessados no processo de ordenamento do espaço marítimo dos Açores”. A GRATER marcou presença naquela que foi uma iniciativa da direção regional dos Assuntos do Mar.

O encontro, que decorreu simultaneamente nas cidades da Lagoa, Angra do Heroísmo e Horta, aconteceu no âmbito do projeto europeu MarSP - Macaronesian Maritime Spatial Planning. Filipe Porteiro, diretor regional dos Assuntos do Mar, referiu que através do MarSP, “abre-se a oportunidade de prosseguir o ordenamento do espaço marítimo nos Açores, integrando-o numa iniciativa europeia, com recurso a uma equipa técnica diversificada e seguindo as melhores práticas”.

Segundo o responsável, os workshops visaram promover “uma participação ativa dos interessados neste processo, nomeadamente de empresas, intervenientes da pesca, entidades públicas e associações, entre outras”.



A Diretiva 2014/89/UE determina que os estados membros da União Europeia devem desencadear e finalizar o seu processo de ordenamento até 31 de março de 2021.

O MarSP é um projeto coordenado pelo Fundo Regional para a Ciência e Tecnologia que tem como objetivo contribuir para a implementação de planos de ordenamento do espaço marítimo na Macaronésia, ou seja, nos Açores, Madeira e Canárias, incluindo mecanismos de cooperação transfronteiriça, tendo em conta os contextos políticos, socioeconómicos e ambientais de cada um dos arquipélagos.

No âmbito deste projeto, os Açores dispõem de uma verba superior a 700 mil euros até ao final de 2019. O ordenamento do espaço marítimo, frisou Filipe Porteiro, é “um mecanismo fundamental para a promoção da economia do mar sustentável, num quadro de mitigação de potenciais conflitos entre setores e interesses”.

Associação participa em formação sobre contratação pública e proteção de dados

O corpo técnico da GRATER - Associação de Desenvolvimento Regional participou, de 28 a 30 de maio, num conjunto de ações de formação sobre contratação pública e sobre o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Recorde-se que as alterações introduzidas ao Código de Contratação Pública entraram em vigor a um de janeiro deste ano. O Decreto-lei n.º 111-B/2017 procedeu à nona alteração ao Código dos Contratos Públicos, aprovado pelo Decreto-lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, e transpôs as Diretivas Europeias n.ºs 2014/23/UE, 2014/24/EU, 2014/25/EU e 2014/55/UE sobre adjudicação de contratos de concessão, contratos públicos e faturação eletrónica nos contratos públicos.

Já o Regulamento Geral de Proteção de dados entrou em vigor no passado dia 25 de maio.

GAL Pesca vão marcar a história do setor nos Açores

A criação, pela primeira vez na Região, dos Grupos de Ação Local da Pesca “será, sem dúvida, um marco importantíssimo” no futuro das comunidades piscatórias açorianas. A ideia foi defendida pelo secretário regional do Mar, Ciência e Tecnologia, em março, no Fórum Internacional Socioeconómico das Pescas dos Açores, que decorreu na Academia da Juventude e das Artes da Ilha Terceira, na Praia da Vitória.

“Queremos que sejam os próprios pescadores e os outros atores do setor das pescas a definir estratégias de desenvolvimento local e a estabelecer prioridades para o financiamento dos seus próprios projetos”, afirmou Gui Menezes.

O governante apontou como formas alternativas ou complementares à atividade extrativa da pesca a criação de negócios nas áreas da restauração e da comercialização de pescado, a Pesca Turismo ou ainda “a musealização de algum património que pode ser aproveitado para visitaçao de turistas”.

Gui Menezes, que falava na sessão de encerramento do I Fórum Internacional Socioeconómico das Pescas dos Açores, que decorreu a 22 e 23 de março, referiu ainda “o



aproveitamento de subprodutos da pesca ligados à biotecnologia”. Segundo o secretário regional, o encontro internacional constituiu-se, precisamente, como “mais um passo no caminho para a implementação”, na Região, de Medidas de Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC).

“Espero que os nossos atores da pesca dos Açores tenham tido oportunidade de conversar e de trocar experiências” durante este evento, referiu, acrescentando que as medidas DLBC “podem, efetivamente, trazer mais valias” às comunidades piscatórias.

“Acredito que as novas iniciativas, se forem desenvolvidas de uma forma integrada, irão contribuir

para um maior desenvolvimento da pesca dos Açores e para a criação de mais riqueza e de mais emprego”, sublinhou.

O Fórum Internacional Socioeconómico das Pescas nos Açores, recorde-se, pretendeu debruçar-se sobre a importância das medidas de DLBC no setor das pescas, dando a conhecer cerca de duas dezenas e meia de projetos implementados com sucesso em várias comunidades piscatórias da Europa.

Promover a partilha de ideias e de experiências, apresentando soluções para a criação de rendimento alternativo ou complementar à pesca foi o grande objetivo deste encontro, que contou com a parti-

cipação de promotores e de membros de grupos de ação local com trabalho desenvolvido em Portugal continental, Espanha, Finlândia, Suécia, Dinamarca, Reino Unido, Martinica, Guadalupe, Canárias e França.

Pretendeu-se, ainda, criar uma rede de contactos e, ao mesmo tempo, encontrar oportunidades de rendimento ajustadas à realidade de cada ilha do arquipélago.

Para além de abordar as questões relativas aos GAL Pesca, a reunião centrou-se ainda em temas como o projeto europeu ORFISH, também direcionado para o desenvolvimento local em Regiões Ultra-periféricas, que resulta da decisão estratégica para a sustentabilidade no âmbito da nova Política Comum de Pescas, cujo objetivo passa por implementar um conjunto de iniciativas orientadas para a diversificação da atividade da pesca.

Houve, ainda, lugar para um painel de cariz mais científico, voltado para os aspetos socioeconómicos do setor, que incidiu, essencialmente, sobre a comunidade piscatória açoriana, sobre a qual estão a ser desenvolvidos dois estudos, um socioeconómico e outro so-

Assembleia-geral da GRATER reúne-se na Graciosa

A assembleia-geral da GRATER reuniu-se, no passado dia 23 de maio, na Graciosa. Na reunião foi apresentado o relatório de execução da submedida 19.2 – Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais do PRORURAL+. Neste sentido, foram analisados os dados relativos às candidaturas submetidas e aprovadas, à execução financeira (execução e pagamentos), informação sobre o cumprimento das regras comunitárias, alterações à implementação do Programa, ações desenvolvidas em termos de acompanhamento e avaliação e ações de divulgação e publicidades realizadas.

A GRATER concluiu que os anos de 2016 e 2017 excederam todas as expectativas do GAL no que diz respeito ao interesse em investir com os apoios do FEADER e do PRORURAL + , quer na vertente privada, quer na vertente pública.

De acordo com a Associação de Desenvolvimento Regional, foram detetados, no início das operações, constrangimentos que decorreram quer do número elevado de pedidos de apoio submetidos a uma equipa técnica relativamente pequena, quer das dificuldades sentidas com o novo sistema de informação.

Segundo a GRATER, a situação está, já, a tomar outros contornos, começando a ser visível o resultado do trabalho desenvolvido até aqui. O organismo espera que em 2018 seja recuperado o atraso verificado inicialmente, pelo que prevê atingir uma taxa de aprovação acima dos 95%.

Entretanto, adianta, foram realizados contactos entre os GAL, a direção regional do Desenvolvimento Rural e a secretaria regional da Agricultura e Florestas, para aperfeiçoar a execução do programa.

O relatório de execução relativo a 2017 pode ser consultado na íntegra através do endereço [http://](http://www.grater.pt/ficheiros/publicacoes/43.pdf)



www.grater.pt/ficheiros/publicacoes/43.pdf.

VISITAS

Na Graciosa, a GRATER realizou um conjunto de visitas quer às instituições locais, quer a projetos que realizaram pedidos de apoio à associação. Desta feita, a Associação de Desenvolvimento Regional reuniu com o presidente da Câmara Mu-

nicipal de Santa Cruz da Graciosa, com a Associação dos Pescadores Graciosenses (da GRATERMAR), com o responsável pelo pedido de apoio “Criação de um estabelecimento na Graciosa”, de Miguel Ortins Silveira, bem como com o dinamizador do pedido “Construção do edifício de apoio ao Parque de Campismo da Pesqueira”, o município de Santa Cruz da Graciosa.

Valor acrescentado das produções açorianas discutido em seminário

O Parque de Exposições da Associação Agrícola de São Miguel (AASM), em Santana, acolheu, no passado dia 26 de abril, o seminário "Açores com valor acrescentado". A GRATER esteve presente neste evento que pretendeu pôr em evidência questões como a produção, a transformação, a inovação, a cooperação e o consumo. O encontro, enquadrado nas comemorações do Dia da Produção Regional, contou com a presença de João Ponte, secretário regional da Agricultura e Florestas. No evento, o governante defendeu o estabelecimento de um pacto de cooperação entre o Governo, os agricultores, as associações, a indústria e os académicos para e pela inovação da agricultura nos Açores, incorporando, deste modo, cada vez mais valor ao que é produzido. "Não chega produzir bem e com qualidade. É preciso cada vez mais apostar na inovação, para ganhar



notoriedade e para captar novos mercados", afirmou o responsável, salientando que na Região "já há trabalho feito nesta área" mas que é possível ir mais além. Para João Ponte, os Açores devem estar "na linha a frente" em matéria de novas tendências de mercado. O governante considerou que não é possível "continuar a assistir ao desinteresse por parte do setor às medidas do PRORURAL + referentes à inovação". "Podemos e devemos ser um viveiro para o lançamento de novos

produtos, que vão ao encontro das necessidades dos consumidores", disse o secretário regional com a pasta da Agricultura, acrescentando que "é na diversificação económica, na produtividade e na qualidade em geral que os Açores devem continuar a crescer". João Ponte destacou que a comemoração do Dia da Produção Regional é uma boa ocasião para despertar a consciência dos produtores regionais para melhorar a eficiência das suas explorações, por forma a produzirem com

menos custos, mas também para refletirem sobre as tendências futuras e a necessidade de a Região ajustar as suas produções às preferências dos consumidores.

"Esta é também a ocasião para chamar a atenção para a necessidade de consumirmos muito mais o que é nosso, o que é produzido localmente, não só pela qualidade e frescura dos alimentos, mas também para deixarmos, nas nossas ilhas, mais-valias económicas", considerou.

João Ponte insistiu que é fundamental incrementar as exportações da produção regional, tirando desde logo partido dos circuitos já estabelecidos por Portugal com países estrangeiros e procurando novos clientes.

Por outro lado, apesar dos agricultores estarem cada vez mais especializados, o governante disse ser "absolutamente necessário" continuar a investir na formação, com foco na inovação.

GRATER na Biofeira

Conforme tem vindo a acontecer nos últimos anos, a GRATER - Associação de Desenvolvimento Regional marcou presença na Biofeira, a feira de produtos biológicos organizada pela Cooperativa BioAzórica, juntamente com a Câmara Municipal da Praia da Vitória e o Governo Regional. Tratou-se da quinta edição do evento e decorreu de 25 a 27 de maio. Para além de expor e vender produtos produzidos sem recurso a químicos, a BioFeira abre ainda

espaço às palestras. Marcaram presença neste evento Jorge Ferreira, da Agro-Sanus, um nome respeitado na área da agricultura biológica e Carla Ourique, da direção regional do Desenvolvimento Rural. Outra convidada foi Ana Branco, da associação Try Bio. Miguel Vilas Boas trouxe a visão da apicultura. Avelino Ormonde, da BioFontinhas, abordou o tema da "smartfood" (comida inteligente, em tradução livre). Segundo Mónica Oliveira, presidente da BioAzórica, as palestras



assumiram-se já como um momento importante da Biofeira, atraindo produtores, pessoas que estão interessadas em enveredar pelo setor e também gente

curiosa sobre a área.

Decorreram, ainda, workshops destinados a crianças, para sensibilizar os mais novos para uma alimentação mais "limpa".



• Decorre, de 14 de junho a um de julho, no Auditório do Museu de Angra do Heroísmo (MAH), a exposição "Craft & Art". Nesta mostra promovida pela GRATER, em colaboração com o MAH, apresentam-se peças artesanais que têm vindo a ser desenvolvidas nas diversas

formações ministradas no âmbito do projeto Craft&Art, aprovado pelo INTERREG MAC 2014-2020, e que têm promovido a aprendizagem de novas técnicas e o desenvolvimento de novas abordagens ao artesanato, tendo como base novas inspirações e novos concei-

tos de trabalho.

• Acontece, a 16 de junho, entre as 14h00 e as 17h00, no Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo, um ateliê de bijuteria com corda, desenvolvido no âmbito do programa de dinamização da exposição "Craft & ART". A formação vai ser ministrada por Aida Barbosa.

• O Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo acolhe, a 30 de junho, entre as 14h00 e as 17h00, um ateliê de iniciação ao empalhecimento, com a formadora Manuela

Medeiros. Trata-se de mais uma iniciativa de dinamização da exposição "Craft & Art".

AVISOS:

- Estão abertas as candidaturas à intervenção 7.4 (investimentos em serviços básicos locais). Os interessados deverão submeter as propostas até dia 26 de julho;
- De 18 de junho a 23 de agosto abre o aviso para os interessados em investimentos em infraestruturas de lazer e turísticas e informações turísticas.